



moa sipriano

Rodamundo

m o a s i p r i a n o . c o m

RODAMUNDO

Moa Sipriano

Quatro dias na estrada. Duas horas de sonhos. Concordamos que havíamos extrapolado os limites do bom senso. Esgotados, abandonamos as armadilhas do asfalto principal. Olhos vidrados e alma virada no cão, aos trancos encostei meu parceiro numa rua secundária.

Do meu lado esquerdo, beirando a incansável Anhanguera, havia uma passarela que dividia Sumaré de Campinas. Já no lado direito, na rua escolhida que parecia um queijo suíço empoeirado, repousava um Posto Esso às escuras.

Eu queria desligar todos os motores, deitar meus ossos na espuma empenada e apagar meu cansaço por completo.

A cretina Potência urrava seu imperioso estado de alerta.

Por incrível que pareça, eu estava há quatro malditos dias sem explorar um buraco qualquer.

No *meu* calendário... é tempo demais!

Você já sacou, não é mesmo?

Eu não posso ficar sem sexo.

* * *

Meu nome é João Gaiola.

Carrego quarenta e nove anos bem esfolados pela desgraçada da Vida.

Sou casado há vinte e seis séculos com a mesma mulher.

Corto estradas há vinte e quatro primaveras.

Em casa cultivo dois filhos oficiais: Jessé, 15. E Raquel, acho que doze.

Nas obrigatórias paradas do ofício, acredito que já plantei ao menos um filho em cada estado. Pivetes esquecidos e ignorados nas rabeiras de uma terra verde, amarela, sem brilho, só falsas esperanças.

O “gaiola” não é meu sobrenome, mas é como se fosse. Sempre que penso no assunto eu começo a rir feito um parvo que passou do ponto.

Meu apelido de longa data foi um presente dos parças de estrada. Os amigos caminhoneiros veneram minha gigantesca fama de Enfiador Competente.

Em cada lugar onde estaciono meu fiel 111, caio sempre na transviada tentação e não vejo a hora de transformar a cabine do meu Scania numa aprazível gaiola furreca.

O tresloucado vício consiste em aprisionar a próxima bucetina mal paga a se virar para garantir boas alegrias ao meu gavião afoito.

Quando paro para reabastecer veículo e restos mortais, fico ansioso para agradecer meu corpo debaixo da água vulcânica, jogar meu casco sobre o colchão de muitas batalhas e entornar loiras geladas a rodopiar pela minha goela rústica, não aparada.

Seguindo o impregnado ritual, aguardo a proximidade da meia-noite para enfim dominar uma gostosa, jogando-a para cima e para baixo, segurar com violência nos peitos dela e admirar aquele vestígio de fêmea rebolando e escondendo minha clava nas profundezas da sua gruta pública.

Eu e a Pica, é claro, deliramos em uníssono, embotados pela etílica Luxúria lamacentas.

Quanto ao que pensa e sente a Oferecida... pouco me importa!

O direito dela é catar a nota de vinte e dar no pé, quietinha, logo após meus oito minutos de escape.

Ah, quase passou batido. Em raras, raríssimas ocasiões, eu até aceito espetar um traseiro de homem “mocinha”.

Assumo minha boa diversão com aquelas bichinhas bem afrescadas. Elas nunca me dão trabalho ou maiores dores na cabeça superior.

Ofereço uma nota de dois. Arreganho o volume para fora. Elas sugam todo o espetáculo com gosto sincero. E babam em euforia quando o chafariz detona sua via láctea visceral.

Quando estou muito chapado, gosto de vê-las arrebitadas, de quatro. Fazem caras e bocas e poses. Roubam minhas gargalhadas.

Boto o gorro. Dou uma cusparada no possante e passo ferro na – literalmente – boneca depilada.

Fode, foda, fodo. Empurro bosta e gozo a contragosto.

Com relação às Traves, confesso que passo bem longe delas.

Sabe aquela fama que corre por aí? Sim, é real!

Sei de muito macho, amigo meu, que adora ser enrabado por uma travecona bem-dotada.

No meu cu não, senhor Juvenal de dia, senhorita Rebeca à noite!

Bom, acho que deu pra você perceber que nasci só para acelerar e cortar os desvios desse país com o máximo de dedicação e responsabilidade, e meter até o último gozo em qualquer buraco arfante, sem me apegar a compromissos.

Não quero me controlar. Em nenhum sentido.

Em casa, a patroa finge que não sabe de nada. Não a culpo.

Ela prefere ser arrochada pelo Silêncio em troca da garantia vitalícia de uma existência tranquila e farta.

Aparências. Sempre aparências!

Eu, cafajeste como sou, sigo meu instinto e continuo a furar buçanhas quebradas e malcheirosas nas madrugadas difusas, estacionado em cemitérios de zumbis sobre

rodas, fodendo e recontando na cachola os valores dos fretes enquanto cuspo suor e porra corpo exausto afora.

Ah, mas não pense você que não dou um belo trato na minha patroa.

Mesmo sendo obrigado a disputar espaço entre rosários, aves-marias-pais-nossos e tudo quanto é tipo de santo em gesso ou porcelana, ao menos uma bem demorada por mês eu garanto na minha velhota.

Ela finge que gosta. Eu finjo que cumpri minha obrigação de marido.

A patroa se apegava ao engessado resadô e eu à inevitável fodaria. Simples assim!

Daí a nossa vida corre solta, linda, socialmente aceitável, onde permanecemos bem protegidos no abraço da Santa Ignorância.

* * *

Sou um homem rústico, iletrado, mas que tem lá alguns atrativos.

Não sou muito alto. Tenho um corpo até que proporcional em relação ao meu peso. Bem diferente dos caminhoneiros que você idealiza, não sou proprietário de uma pança peluda que despenca para fora de uma surrada Hering que um dia foi branca. Nem permito que minha barba castanha escura fique desleixada, a desfilas os primeiros fios grisalhos não aparados.

Eu fumo, mas não vivo fedendo trincheiras paraguaias. Porém, devo confessar que cultivo aquele característico bafo de cerveja de ontem!

Meus olhos são verdes gaúchos. Minha pele é alva sulista. Daquele tipo que você tem que se precaver com óculos escuros se quiser me observar sem camisa, senão corre sério risco de ficar cego em poucos segundos!

Tenho membros muito fortes. Ossos do ofício. Meus braços são cobertos por espessos pelos acobreados. O mesmo vale para o carpete que envolve minhas coxas incolores. Tirando braços e pernas, no peito, costas e demais dependências não há nada de cabelos a disfarçar minha brancura. Sou liso igual ao meu caralho cabeçudo.

E por falar em “caralho”, lá no meu lado sul de vez em quando cultivo uma discreta mata felpuda a rodear um membro de tamanho comum e corrente, mas de grossura muito acima do convencional.

Minha bengala é como eu. Rústica, forte, ladina, arisca. Somos paus pra toda obra!

* * *

No auge da madrugada, onde segundos de silêncio são recortados sem piedade pelo vai e vem de infinitos caminhões galopando numa Anhangüera que nunca

adormece, arrastei com vagar a cortina, escondendo parte das luzes amarelentas do cosmos caótico a bailar do lado de fora.

Imundo, suado, cansado, faminto, eu delirava por um banho de trinta minutos.

Meu espírito roufenho urrava em vontades, alucinado para lamber uma cerveja.

Uma pitada de álcool acompanhada de duas rodelinhas de nicotina me traria um sono agitado, repleto de sonhos ultrajantes garantidos durante algumas preciosas horas desplugado.

Pílulas, pílulas. Tabaco e Álcool. Solventes da (minha) alma!

Tirei a camiseta, vesti outra. Odeio fazer isso sem me lavar de antemão.

Deserto. Penúria. Portas fechadas. Um lugar bem conhecido para um galopante forasteiro. Aceitei que o melhor era soldar as pálpebras e tentar relaxar um pouco.

Nem bem estiquei o corpanzil, pensei captar algo que lembrava o ronronar de uma moto de baixa cilindrada. Cambaleante de cansaço, eu joguei com extrema lentidão parte do meu corpo do outro lado da cabine.

Dei uma espreitada pela janela e me deparei com a visão de um tatuado armário estacionando ao lado de um poste de madeira.

Uma bambeada luz pra lá de preguiçosa banhava o surrealismo de uma massa de músculos peludos recostada numa Yamaha da Idade Média, que fatalmente seria rejeitada até mesmo por um ferro velho em meio de carreira.

Ele resmungava ao celular. Parecia não muito satisfeito com o teor da conversa.

Imaginei que o sujeito era o segurança do bairro. Ou do tal posto.

Aguçando a atenção, acreditei com fé que aquele estabelecimento dorminhoco comportaria um fétido banheiro público devidamente aparelhado com um chuveiro capenga. Procurei chacoalhar o que me restava de energias. Resolvi sondar o sujeito de poucos amigos. Quem sabe eu teria sorte de me deliciar debaixo de uma ducharada trincando em vapores místicos?

Ele não esboçou nenhuma reação quando me arrastei ao seu encontro. Já deveria estar mais do que acostumado com os cavaleiros errantes fedendo a diesel que cruzam as madrugadas por ali.

Depois de um “olá” desferido com um combalido sinal de cabeça, fui recebido por um “oi” também nada amistoso.

“Tá vindo de onde?”, ele perguntou, sem ser simpático, apenas para puxar um papo básico, enquanto fechava o celular em concha. Sabe-se lá se não havia desligado na cara da alma combalida em questão.

“De longe... bem longe”, retruquei, sem muito pique para repassar meus itinerários.

“Você está o pó da rabiola”, ele ironizou, destilando um sorriso velado.

“É verdade. Estou dirigindo faz um tempão. Quatro dias, para ser mais exato. Sabe como é. Sigo horários muito rígidos. Se não entrego a merda no prazo, levo bucha no frete e...”

“Eu sei muito bem como tudo funciona. Eu compreendo você”, rebateu Segurança, me cortando legal, certamente entediado por ouvir a mesma canção melodramática entoada como um mantra por todos os Caminhoneiros Setecentas Prestações que habitam uma terra merdamarela.

“Humm, acho que posso aplacar seu cansaço. Em partes, talvez”, sussurrou o moreno, revelando aquele sorriso um tanto sarcástico demais pro meu gosto.

Peludo Tatuado enfiou a mão esquerda no bolso da grossa jaqueta de lã. Retirou um molho de chaves que tilintavam mais do que os sinos do mosteiro beneditino que fica bem atrás da minha casa, lá na minha amada Santa Rosa.

O cara separou duas chaves, indicando-me o que abriam e em qual sequência.

“Depois de destravar o portão de ferro, entre na segunda porta à sua direita. Tome um banho. Relaxe um pouco. É uma pena que não haja nada aberto para você recuperar as forças com uma bela refeição do tipo... bem caseira”, ele gargalhou, estampando o tal sorriso estranho que me desnorteava a razão.

O celular do sujeito tocou novamente. Hino do Palmeiras.

Ele pediu licença, deu-me as costas e falou em códigos com a alma penada do outro lado da linha. Havia tensão nos seus parágrafos ruminados.

Segurança era um homem simples de tez morena bem clara, acredito que na casa dos quarenta, um pouco mais alto do que eu, dono de um peitoral e um “costal” de fazer inveja a muito marombado frequentador de dispendiosas academias.

Também reparei nas chamativas pernas grossas encobertas por um jeans justo demais para os meus padrões morais. Não pude deixar de conferir – é claro – um belo rabo a tiracolo.

Não que eu goste de bunda de macholinos, mas você sabe que não há como refrear uma olhadela indiscreta.

Falando nisso, minha bunda até que é bem jeitosa. As amigas da minha patroa costumam elogiar meus glúteos, quando me apresento em bermudas surradas nos churrascos promovidos nos raros fins de semana em que posso gozar o luxo de permanecer em casa.

Mas é melhor parar com o libertino devaneio fora de prumo.

Vou já tomar meu merecido banho!

Voltei pro meu Jacaré. Peguei minha sacolinha de higiene e segui apressado rumo ao paraíso das águas abrasadoras.

Armário Cara Amarrada permaneceu injuriado ao telefone, ignorando minha segunda passagem.

* * *

Oh, que maravilha!

Reservei o direito de curtir trocentos minutos debaixo de uma ducha divina.

Saí bem mais leve. O sono foi dar uma longa volta de reconhecimento pelo bairro, sem hora marcada para retornar.

Enquanto eu relaxava no seio daquele calorão encharcado, até pensei em socar uma punha. Desisti de imediato.

Não gosto de bater punheta. Meu negócio é enfiar a pica num vazio úmido e gozar gostoso e bem rápido no seu interior.

Com as Anônimas... bem... é só assim que eu sinto prazer. Não dá para eu insistir de outra maneira.

Na volta, fui ao encontro do meu anjo de ocasião para entregar-lhe as chaves. Ele brincava com duas latas de cerveja numa das mãos.

“Porra, cara, você é vidente?”, gritei, simulando intimidade.

“Não sou vidente. Sou experiente”, ele afirmou, orgulhoso, ainda estampando aquela fuça de malandro sem dono.

“Foda-se o que você é. E nem quero saber como conseguiu a bendita. Eu aceito essa gostosa, se você me present...”, eu implorava pela porra da lata. Maldito segundo vício!

“Pode ficar tranquilo. Eu vou dar exatamente o que você precisa”, sensualizou o morenaço, agora sem a jaqueta, esticando um braço intimidador recoberto de pelos negros, quase enfiando um dos alumínios gélidos na minha bocarra tensa, suada, ansiosa.

“A propósito, qual é a sua graça?”

“João Gaiola, meu caro”, eu disse em tom galante, falso, metido.

“É óbvio que você vai me perguntar sobre o ‘gaiola’, não é mesmo?”, continuei, desafiando meu oponente com minhas tradicionais gracinhas sem graça.

“Humm, deixe-me adivinhar...”, retrucou Parrudo, coçando o fosco cavanhaque farto e muito bem desenhado, enquanto apreciava com volúpia as curvas acentuadas do meu caminhão.

“Já tenho a resposta. Para confirmar minhas certezas, só preciso conferir certo... departamento”, ele disse, apontando para a cabine em penumbra.

Quase entornei a espumosa que bailava na minha boca. Soltei um riso galhofeiro, isento de bons modos.

Sem noção do motivo que me induziu a tomar aquela atitude, me peguei tocando de leve no braço do macho misterioso, praticamente convidando-o a conhecer minha famosa “gaiola” das loucas... aventuras.

E antes que você rumine coisas, tenho certeza de que mesmo estando com o estômago sem um traço de sólidos, não era uma latinha de Skol que me poria a escanteio.

“E você, barbudão, como se chama?”, abri a porta enquanto pesquisava o currículo básico do sujeito. Atirei minha sacolinha de toalhas molhadas e restos de Phebos num recanto apropriado.

“Rodamundo”, ele disse, passando dois dedos sobre o peito, onde na camiseta havia a palavra rodamundo estampada em chumbo sobre o tecido salmão, na altura do coração.

“Você não tá falando sério, não é mesmo?”, perguntei em troças, incrédulo diante daquele apelido tão esdrúxulo.

O tal do Rodamundo não retrucou. Ignorou minha dúvida e permaneceu em silêncio, apreciando de todos os ângulos possíveis o meu cultuado parceiro.

“Belo exemplar de Jacaré, senhor Gaiola”, ele disse, e parecia se divertir com a confirmação de uma óbvia constatação.

“Eu amo meu Scania, senhor Rodamundo. Estou com essa gracinha aqui desde mil novecentos e tra-la-lá. O danado nunca me deixou na mão, se quer saber.”

“Tenho certeza que não. Afinal, é um Scania. E nós dois sabemos o que é ter um Scania”, ribombou Rodamundo Sorriso Sarcástico.

Posso jurar que captei fagulhas de uma sofrida felicidade velada em seus olhos, aprisionadas num denso véu de uma angústia sem fim.

“Mas devo lhe confessar que minha melhor trepada foi na boleia de um Volvo”, ele continuou, mais uma vez me dirigindo um sorriso lascivo agora acompanhado de um olhar pingando ousadias.

“Ah, nossa. Puxa. Muito interessante!”, retruquei, fechando o semblante.

Em pensamentos, concluí o seguinte: *O que me importa saber em qual cabine o filho da puta trepou com um cara?*

Meus deus... “trepou com um cara”, de onde veio isso?

Sim, porra, só um lerdão não se tocaria de que estava levando uma bela cantada.

A puta morfética que o pariu! Aquele pervertido teve a coragem de me cortejar na cara dura?

O desgraçado era mais novo e forte do que eu. Talvez até estivesse armado. Só sei que eu não ia deixar um mulo todo pichado daquele avançar o sinal sobre a minha virilidade.

Nem a pau, Juvenal!

“Relaxa, sulista. Eu não vou fazer nada que você não queira”, cantarolou Rodamundo, tocando com suavidade no meu concreto ombro esquerdo.

“E o que você acha que eu quero? *Catso!*”, respondi com destrambelhada violência no tom de voz, procurando impor respeito.

Meu corpo, no automático, se retesou e procurei fugir de qualquer outra investida do cretino. Engoli com areia o último gole ácido da cerveja amornada.

“Bom, meu chapa. Acho que tá na hora do adeus”, pigarreei, amassando e jogando a lata o mais longe possível, que rugiu contrariada sobre o asfalto orvalhado.

“Agradeço pelo banho e pela Skol. Que você tenha uma boa madrugada e bom servi...”, busquei apoio na porta do Jacaré para enfim me refugiar na segurança dos meus domínios.

Rodamundo travou meu braço direito com um furor que me assustou. Sua outra mão, que não tinha nada de boba, acariciou meu pinto com uma delicadeza quase feminina.

Atônito, fiquei sem ação. O desgraçado do Felipão (apelido do dito-cujo, homenagem ao eterno técnico do meu time do coração) resolveu se manifestar bem na hora errada!

Eu não sabia se matava o lazarento de porrada, se ria por causa do meu sexo petulante que estava adorando o calor daquela mãozona desconhecida ou se chorava de raiva pela minha completa submissão sem sentido.

“Entra!”, ordenou Rodamundo.

Levei milésimos de segundos para entregar parcialmente o controle ao demônio. Afinal de contas, calculei, o máximo que ele ia conseguir comigo era engolir minha marreta. Sendo assim, cabia a mim-eu-mesmo acabar logo com esse estorvo, gozando na garganta peluda do filho da puta e assim reconquistar minha liberdade de uma vez por todas.

Autorizei o atrevido a conduzir aquela situação, porque eu jurava que o Bosta estava armado e eu não ia pagar para ver.

Subi com dificuldade na cabine, pois minhas pernas não respondiam aos comandos do meu cérebro esgotado e confuso. Deitei de barriga para cima no velho sofá-colchão-cama puído. Cerrei o olhar.

Não consegui. Abri os olhos no mesmo instante.

Eu não ia deixar – de jeito nenhum! – de acompanhar todos os movimentos do Cabra com peste.

A porta foi lacrada. Rodamundo ajeitou seu corpaço aos meus pés. Quando dei por mim, o cretino voltou a bimbolar o Felipão, que ria, pulava e se esbaldava em glórias por ter novamente a chance de provar a sua honrosa competência.

Experiente, Rodamundo pressionou no painel central o botão correto para acender uma segunda luz quase sem vida.

Fiquei espantado ao reparar mais atentamente em seu físico que, na verdade, era quase o dobro do meu!

Num íntimo sufoco sem precedentes, tentando me fazer de relaxado e dominador da situação, respirei fundo e cruzei os braços por trás da cabeça, deixando o resto do corpo livre para que o maldito pudesse tocá-lo à vontade.

Do peito pra baixo, pensei. Toque só do peito pra baixo, seu boiola do inferno!

Rodamundo, ajoelhado, retirou a camisa, jogando-a sobre meu volante espumado. Quase vomitei ao ver um verdadeiro King Kong repleto de hieróglifos rabiscados no peito, braços e sabe-se lá onde mais.

O Armário era peludo pra caralho!

Não dava para ver muito da pele através do carpete amulatado a cobrir mamilos, barriga, ombros, braços, costas. Tudo, tudo, tudo!

E aquele monte de símbolos místicos e letras, sei lá, medievais? Egípcias?

Que porra era aquela?

Acho que encolhi uns trinta centímetros, com nojo de ser tocado pelo Parede de Pelúcia.

Vedei os olhos e comecei a implorar pro meu santo capeta fazer aquela desgraça acabar o mais rápido possível.

Rodamundo baixou minha bermuda com uma suavidade que não combinava – no meu preconceito – com o porte daquele desapiedado das cavernas.

Felipão, todo-todo, foi agasalhado por uma boca felpuda, aconchegante e gulosa.

Pelo menos o filho da puta chupava muito melhor do que diversos lábios femininos que já besuntaram minha bengala surrada.

Determinado em manter meus olhos bem fechados, fui relaxando aos poucos, sonhando com umas buças que deixaram saudades, imaginando uma boazuda fazendo o serviço no lugar daquele pecador desprezível.

Imagine se minha patroa descobrisse que eu dividia a boleia com um peludo? Um peludo que ainda por cima estava abocanhando (que delícia!) o seu Felipão?

Nem quero idealizar a reação suicida que viria da nada ingênua beata.

Suicida. Ou assassina?

Envolvendo ora meu pau, ora meu saco com uma língua que deixaria qualquer um rodopiando em órbitas saturninas, entreguei de vez a minha sorte e passei a me concentrar na vigorosa esporrada que eu acertaria no íntimo daquele infeliz.

“Quer minha porra?”, pensei, suando e aflito. “Então você vai ter, seu viadão, vereador de Sodoma!”

Urrei de orgulho ao perceber que minha ferramenta encharcou as entranhas do Kong com o mais podre e denso leite moça.

Achei que Rodamundo ia segurar meu gozo na boca e depois cuspi-lo pela janela, como as outras fazem.

Surpreso, fiquei pasmo ao confirmar que ele não havia desperdiçado meia gota sequer. O moreno viadão gostava de beber porra! Meu santo cristo!

O.K., tá certo. Posso bater no peito arfante e confirmar pra você que foi uma gozada colossal. Meia lata inteira!

Derretendo em dúvidas e repulsa, permaneci estático na mesma posição inicial.

Liberei uma das mãos para espantar o suor acumulado no rosto, nada demais.

Rodamundo, supostamente exausto, afofou a cabeça sobre meu picão murcho, que parecia curtir a quentura daquele rosto afogueado, adornado pelo cavanhaque macio. Tomando uma atitude que eu jamais realizaria em sã consciência, rocei meus dedões fora de forma sobre os cabelos escovinha do Dono da Rua.

Trêmulo, indeciso, quase involuntário, meu toque parecia agradecer, de certa forma, pelo boquete magnífico (tenho que assumir a veracidade do óbvio) que o Mata (não) Virgem havia me proporcionado.

Talvez eu estivesse agradecendo pelo banho, pela cerveja, pela chupada...

... pela companhia.

Hibernamos.

* * *

Felipão deu o alerta.

Não cochilei por muito tempo, disso eu tenho certeza.

Ao abrir a realidade e recuperar de prontidão todos os sete sentidos, eu notei que Rodamundo massageava meu saco, apertando de leve as minhas bolas acanhadas.

Os movimentos precisos daquele Maguila fizeram – de novo! – a alegria da minha espingarda, que esboçava com ligeireza a sua vontade de se aprumar para a saideira. Pensei em acabar logo com a porra daquela festa imprópria para Decentes.

Eu já tinha cumprido meu trato com o Queima Rosca.

Chega!

Eu precisava desesperadamente dormir e esquecer de uma vez por todas aquele episódio horrendo.

Rodamundo voltou a beijar minha perdição. Desconfortável, eu procurava me desvencilhar dos seus pelos acetinados e suor almiscarado e língua alucinada.

Em busca do devido espaço, empurrei com crueldade o King contra a frieza do metal piranga da cabine embebida em luminescência açafraão.

O cara entortou os braços enormes e o corpo volumoso num movimento impossível. Quando me dei conta do fato consumado, Rodamundo prendera minhas pernas de um modo que me era complicado executar o menor reflexo que fosse.

Sua cabeça militar afundava no vão do meu saco, lambendo-o, mordendo-o, sacudindo os meus bagos que se estilhaçavam na parede acetinada de uma língua em fúria crescente.

Rodamundo puxou minhas carnes e meu sexo para o aconchego da sua voracidade. Seus lábios espinhantes invadiam território fechado, proibido, intocável.

O maldito tentava enfiar a língua no meu cu!

Explodi, tamanho era o ódio.

Eu ia dar um jeito de matar aquele marginal depravado.

Rodei, esperneeiei, soquei cabeça e ombros e têmporas e tudo o que estava ao meu alcance.

Uma coisa era deixar um baitola brincar com meu pau.

No meu entendimento... é normal, porra!

Outra, bem diferente, era permitir a ínfima possibilidade de um pintudo lamber meu buraco virgem, sagrado, só de saídas.

Ai, ai, ai. Isso não ia acontecer mesmo!

Eu achava que com meus golpes poderia nocautear o maldito e acabar de vez com aquele atrevimento alienado.

Mais uma vez fui surpreendido, pois Rodamundo conseguiu imobilizar minha revolta por inteiro, trancafiando minhas mãos e minhas pernas de um jeito que não sou capaz de descrever.

Sem chance de defesas, minha fúria consumia meu raciocínio.

Eu, João Gaiola, ser estuprado pela língua de um pederasta?

Não, isso nunca. Nem pensar!

Rodamundo tentava por todos os meios empalar minhas pregas. Eu travei meu fiofó com tanta força, que até mesmo o ar carregado e ácido do interior da boleia não encontrava passagem para arrefecer meu peito em chamas.

“Chupar meu cu você não vai, seu filho do demo”, eu gritei, mas a voz rouca sumiu na minha garganta arenosa.

Eu me debatia. Ele me lambia. Eu torcia o corpo para todos os lados. Ele enrijecia a porra da língua que parecia uma navalha, de tão afiada e resoluta.

Eu trancava o cu. Ele destroçava cada preguinha do meu rabo rosado com movimentos executados por um exímio arrombador de ignorâncias.

Eu tremia em raiva e dor. Eu gemia em ódio e ardor. Eu uivava por causa de um sofrimento, fruto da minha imaginação ignóbil.

“Tira a porra da língua do meu cu, seu bicha maldito. Tira, senão vou te matar, seu filho da puta...

“Tira essa cara peluda do meu rabo, seu morfético dos infernos...

“Tira... tira... agora... sai daí... sai... maldi...

“Cai fora... para com isso... tô mandando terminar com iss...

“Assim... porra... caralho... assim... filho de uma vaca... aiii, Gomorra... não para!”

Onde eu estava com a cabeça?

A santa que me pariu. Aquele pecado era bom demais!

Aquilo era a encarnação do pecado original. E era bom pro Cacete!

Rodamundo foi desvencilhando o nó dos seus braços maciços sobre minhas carnes flácidas, esmaecidas, acabrunhadas.

Sua imoral língua maravilhosa alargava o portal de um prazer jamais imaginado por mim-eu-mesmo.

Acarinhando suas mãos pesadas no meio das minhas coxas exaustas, minhas partes baixas foram brindadas com uma sensação de inequívoco êxtase demente.

Oh, que demência divina!

Peguei-me de quatro, totalmente escravo aos caprichos da Nova Ordem, arreganhando as nádegas alvas com minhas próprias mãos, enquanto o Mestre se esbaldava em lambar e furar e descabaçar e desovar sua saliva abençoada por toda extensão e profundidade do meu rabo muito bem deflorado.

Eu raspava a fuça no velho colchão. Eu ria, eu gritava, eu estremecia por completo, por dentro, por fora, e Rodamundo invadia e tomava posse do meu universo não mais equidistante.

Ter o rabo lambido por um homem é a descoberta mais próxima do que se pode caracterizar como verdadeiro “êxtase”. Sim, aquela coisa que as pessoas pensam encontrar em meditações sem fim, em posições escalafóbicas, em orações repetitivas que induzem ao sono caquético.

Homens do meu Brasil: permitam que outros CA-RA-LHU-DOS suguem seus rabos, cambada. Isso sim é o Nirvana!

Implorei para que Rodamundo liberasse um minuto de trégua na batalha mais do que vencida, pois eu precisava recuperar sei lá o que dentro de mim-eu-mesmo. Eu precisava inspirar a doce Verdade e encarar a deleitosa realidade de um evento celestial.

Encharcado em suor e saliva e traços de álcool, eu buscava em desespero um pouco de ar fresco. Meu segurança vidente tomou a boa iniciativa, abrindo uma fresta da janela do lado do motorista.

Mesmo na pausa que eu sabia que era passageira, Rodamundo não retirou as mãos do meu espírito liberto, esclarecido. Pela primeira vez na vida senti o carinho real e espontâneo proveniente de uma alma estranha, desconhecida, necessária.

Eu me perdia em descobertas fragmentadas, ao encarar de relance aquela Rocha Tatuada que acabara de me provar um milhão de coisas que eu não aceitava como Verdades.

As amarras da minha ignorância se desfaziam em tiras liquefeitas a desvanecer em contato com minha transpiração ilibada.

Com a projeção de um filme em alta definição, a lucidez das imagens arrebatavam meus últimos preconceitos.

Eu aprendia a dar os primeiros passos na tolerância da Diversidade.

Eu compreendia os dois lados da mesma moeda.

Por instantes que pareceram eternos, aprendi o que era ser homem e ser mulher; ser ativo e ser passivo na troca deliciosa de papéis que não deveriam existir.

Mas a aula magna não havia encerrado sua gloriosa lição. Descobri a seguir que havia muito mais a ser explorado, sentido, degustado, educado, vivido.

Reparei que Rodamundo cuspi na sua pistola que ganhava da minha em atitude, grossura e comprimento.

Aturdido, coração aos trancos, eu involuntariamente travado, era chegada a hora da derradeira prova de fogos isentos de artifícios.

Seria uma prova de fogo, tesão e incríveis variações do Êxtase?

* * *

Pode parar tudo!

Tempo. Pausa.

Opaaaaa! Tem coisa errada aqui!

* * *

Qual é a sua, João Gaiola? Virou João Boiola, todo cheio de verso e prosa, todo Sensibilidade, todo *froofroo* só porque um machão deflorou seu rabinho com a língua?

Que negócio é esse de liberar um Maricas para foder o seu cu? Ficou doido?

Comeu bosta de asno com mel de laranjeira?

Era o irmão da Ignorância, o Sr. Burrice, tentando me convencer a não seguir adiante.

Puxei a mão de Rodamundo para perto da minha boca, cuspiando na palma alheia com muito gosto.

Se eu tinha que liberar o rabo pro cara, fiz questão de dar de frente, mirando as faces arroxeadas do meu Amo e Senhor.

Era a minha vez de abrir as pernas, feito uma fêmea temerosa a perder a virgindade, e sentir o que elas sentem, como elas sentem, do jeito que elas sentem.

Rodamundo segurou minhas coxas em forma de “V”. Carinhoso e paciente, ele deslizou seu cavanhaque artístico entre minhas varas trêmulas, onde sua língua, seus dentes e seus pelos não pouparam nem um vão sequer.

Eu estremecia. Sentia cócegas, medo, tensão e dor.

Dor nos resvalos da minha consciência católica.

A respiração descontrolada procurava estabelecer um ritmo sereno. Era impossível agir com coerência diante do Novo que assolava o meu inevitável batismo.

Santa Sorte da Madrugada contar com um macho habilitado na minha primeira vez. Consegui relembrar as pouquíssimas ocasiões em que fui paciente e carinhoso com as virgens que deflorei ao longo da vida.

Na verdade, sempre me portei com egoísmo e desrespeito na maioria esmagadora das minhas fodarias.

Não me importava o prazer delas. Eu pouco me lixava para o que elas sentiam.

Na minha mente pequena, só me bastava pagar e comer e dispensar e pegar outra na próxima parada.

Na minha cabeça minúscula, em casa eu só precisava liquidar as contas, encher a geladeira, comer a patroa pra procriar e ir todo feliz e orgulhoso à missa aos domingos.

Agora eu era a puta escolhida. Chorei em remorsos.

“Vamos lá, Rodamundo. Enfia sua lança no meu cu!”

Tatuado cuspiu no florete empinado, reluzente. Lambuzou cada preguinha da minha tremebunda poupança.

Ele posicionou a cabeçorra no centro da porta travada.

Vou morrer, eu pensava, em prantos. Vai doer pro Caralho!

Cerrei os olhos e os dentes. Encarei o tormento que estava por vir. Prometi ao meu anjo da guarda que eu não ia gritar, como eu já havia visto inúmeras vezes minhas negas lindas estourando os meus tímpanos durante meus rituais de selvageria.

Vai doer. Põe só a cabecinha!

“Vai arder!”, eu delirava em cóleras.

Tá formigando pra caral... vai doer... tá doendo... tá...

E não doeu.

Não doeu porra nenhuma!

Rodamundo entrava e saía da minha gaiola e suas bolas se chocavam nos vãos da minha buduna branquela.

Ele suava. Eu suava. Ele gemia. Eu gemia.

Ele enfiava mais. Eu queria mais e mais e mais!

O mito foi derrubado. A puta que nos pariu: Dar não dói!

Eu sentia a verga do Armário de Pelúcia roçando as paredes do meu cagado cu sem pregas. Não havia um traço sequer de desconforto. Só um regalo estranho, alocado... mas era PRAZER, a puta que pariu o Universo!

Senti meu buraco virando uma boceta. Imaginei João virando Maria. Abri bem os olhos para ver em detalhes o outro João Gaiola me fodendo com tremendo gosto.

Vibre ao contemplar o sal escorrendo pelo seu rosto triangular, onde seus olhos negros expandiam a luminosidade da vitória merecida.

Incansável, maravilhado com a descoberta de toda a verdade, concentrei-me em manter meu corpo o mais confortável possível para que meu homem pudesse ter o máximo de prazer e me proporcionar o máximo em descobertas.

“Meu homem”... que loucura!

Prazer, prazer, prazer. A vida se resume a Aluguel e Prazer... eu cantarolava, em delirantes pensamentos, uma canção recém-criada.

Pensar que “dar” revelaria meus dons artísticos.

Só rindo mesmo!

Ah, eu disse “meu homem”? Sim, eu disse e não retiro minha afirmação concreta. Naquele microcosmo, eu era a escolhida para ser domada, educada, posta no caminho certo.

Eu aprendia a dura lição na prática das práticas perfeitas.

Eu descobri qual era o sentido do Respeito!

Rodamundo foi um (en)viado divino a me educar no que eu precisava saber; e me livrar de vez da minha própria selvageria incontrolável e desrespeitosa diante das vítimas da minha hipocrisia.

Ser “comido” por um troglodita sensível me abriu os olhos para vivenciar na pele e na alma exatamente o que Caetano explicitava em uma de suas mais famosas canções.

Ser “feito fêmea” e ser amado por um macho me fez sentir vergonha por nunca ter respeitado quem se deitou comigo em casa ou fora dela.

Que sorte a minha ter sido escolhido por um cara que soube fazer a coisa certa por meios incertos.

Sim, eu tô dando feito um louco. Tô adorando e filosofando ao mesmo tempo!

Rodamundo refreou a metecção, retirando sua espada pungente do meu oráculo decifrado. Ele voltou a beijar minhas coxas, relaxando-as com revigorantes massagens proporcionadas pelas suas mãos parrudas.

Meu Segurança, delicado, avivou meu corpo na mudança da posição.

Aquele homem colocou a cadelinha aqui de quatro e voltou a penetrar meu rabo com vontade quintuplicada.

Se no frango assado eu já me sentia “realizada”, de quatro eu verdadeiramente fui às cláudias raias da loucura.

Na boa, Cara. Descobri que tem de ser muito macho para dar para outro macho e assumir para si mesmo o amar ser passivo numa relação entre machos.

Enquanto meu cu era fodido na resposta, cresceu em mim uma tolerância e uma compreensão da vida gay que eu jamais sonhara argumentar comigo mesmo.

Muitos dilemas ainda teriam que ser resolvidos na minha cabeça, mas de uma coisa eu degustei a certeza: de agora em diante, ao menos o meu respeito seria sagrado junto da Diversidade, das diferenças, da dita “minorias” que não tem nada de minoria porra nenhuma!

Rodamundo intensificava seus rebolados. Exausto, pensei que eu fosse desmaiar tanto de alegrias, quanto de cansaço.

Mas eu ia até o fim. Eu tinha obrigação de chegar até o fim.

Guarda Belo estirou seu corpanzil sobre o meu, forçando-me a arriar sobre a espuma chamejante.

Seu cavanhaque e barba e bigode, encharcados de borbulhas de amor, lambuzavam minhas orelhas, enquanto sua língua me presenteava com um bônus inesperado, proporcionando-me mais um júbilo inédito, onde meus ouvidos se regozijavam no roubo de uma sensação deliciosa, até então desconhecida.

Gemíamos e engalfinhávamos em uníssonos. Éramos um só corpo, uma só carne. Éramos sólidos e etéreos. Reais e surreais. Amantes e amados. Desconhecidos enamorados.

Rodamundo lavou minha alma com sua porra apimentada e abundante. Senti seu jorro inundar todas as nuances do meu rabo esmerdeado.

Feito um babaca hipócrita, lacrimejei ao perceber que eu também havia gozado.

Felipão, aos soluços, derramou enfim a sua primeira e preciosa lágrima de amor.

Cena de filme lagoa azul. Dois machos purificados apreciando as fagulhas de uma lua alaranjada.

A artificial claridade interior fora apagada. No exterior, nem traço de um ser vivente. Apenas a carcaça da velha Yamaha jazia debaixo do poste, ao lado do posto.

Minha mente bambaleante era acarinhada por uma sólida mão calejada em movimentos bem ritmados. Minha cabeça-criança repousava num peito paterno, onde pelos longos e suaves faziam cócegas na minha nuca “arreviada”.

Eu ria e chorava de vergonha, da descoberta, dos fatos, do ocaso da minha idiota estupidez passada.

Fumávamos um único Derby. Passado de boca a boca. Dedos que se tocavam. Pelos que se enroscavam. Estávamos felizes e plenamente satisfeitos, enfim.

“João, você pode ficar tranquilo. Eu estou limpo!”, disse Rodamundo, roufenho, em meu ouvido direito.

Fiquei comovido por ele ter tocado no assunto. Nada respondi com palavras, mas o fato de eu trazer seus braços para mais perto do meu coração, protegendo-me assim da realidade, bastou para lhe afirmar o meu contentamento e o meu “muito obrigado” pela proteção à minha saúde física e mental.

Eu era abençoado por mais uma dádiva da Sorte.

Adormecemos num sono curto, onde após um rápido intervalo merecido, meu batismo recebeu, enfim, o impressionante certificado de autenticidade.

Rodamundo retirou-me do seu peito, puxando minha cabeça com cuidado para fixá-la bem diante dos seus profundos olhos negros.

Lá fora, distante, matizes brancos pincelavam o negrume de um céu opaco. Leves faixas em rosa, laranja, azulzinho e amarelinho prometiam uma manhã limpa, radiante, renovadora.

Sim, meu caro, eu havia descoberto a delicadeza em meu ser, que vazara tempos atrás pelo buraco do meu cu chamuscado, ainda em festa.

Há poesia imersa no mais recôndito ignorante. Um dia ela vem à tona. Através da dor, do prazer ou de ambos.

“Preciso voltar ao trabalho. Largo às seis. Tenho que dar mais uma ronda”, sussurrou Rodamundo, beijando-me o alto da cabeça.

Para selar o ritual de libertação, partiu do João Gaiola aqui a coragem de experimentar um beijo peludo pela primeira vez.

Sim, você pode começar a rir.

Sem jeito, olhos arregalados, bocabiquinho, estiquei os lábios à procura de algo que eu não tinha ideia se ia compreender ou não.

Rodamundo segurou o riso, puxando-me com força para o engate em seu cavanhaque ungido. Sua língua que antes fizera maravilhas no meu rabo, tingia de magia o céu da minha boca, passeando livremente de um lado para o outro, para cima e para baixo, para dentro e para fora.

E eu, completamente mara...viado, me sentia feito garotinha de doze diante do primeiro beijo de língua do frangote mais cobiçado da escola.

Foi rápido, certo, inesquecível, único! Amei merecer meu certificado a comprovar minha passagem para o outro mundo (mais) colorido.

* * *

Almoço na Dutra, quatro da tarde, logo após realizar minha última entrega.

Mastigo com vagar proposital o enésimo pedaço de carne rosada. Lembro-me do ocorrido na madrugada e me pego rindo feito um imbecil que passou – graças a deus! – do ponto.

Mesmo ainda não discernindo muito bem o que me aconteceu, posso lhe garantir que não me arrependo de nada do que fiz, como fiz, porque fiz.

Precisei dar o meu cu para amear o devido respeito pelas mulheres que ainda serão vítimas da minha gaiola.

Não se assuste com a expressão. É a doida força de um hábito que um dia será extinto, pode ficar despreocupado!

As fêmeas sem identidade que ainda garantirão minhas alegrias de escape serão bem pagas. Não só com meu dinheiro, mas também recompensadas com minha atenção, meu carinho e meu respeito. Elas me darão prazer momentâneo e serão amadas com sinceridade, como jamais seriam por outros viajantes anônimos.

Levarão com elas, para sempre, instantes gloriosos que passarão ao meu lado, nem que seja por menos de onze minutos coelhanos.

Quanto aos homens “mocinha”, bom, eu ainda não sei se voltarei a aceitá-los na minha boleia.

Não, nem pense que minha atitude beira enraizado preconceito. Apenas não assumo, por hora, se eu teria estrutura para encará-los com o respeito que eles merecem ser envolvidos na intimidade passageira.

Será difícil eu penetrar um cara e ao mesmo tempo recordar que eu também já estive do lado inferior do equador.

Eu sei como você se sente. Eu tive a chance de ser Passivo e deliciosamente submisso por um instante arrebatador.

Não “virei” gay e continuo sentindo atração apenas por bucetinas.

Não me vejo, na atual existência, namorando ou me casando com um macho. Isso foge à realidade da minha escolhida natureza.

Mas se já posso ter orgulho de algo recém-descoberto, é saber que virei sim um “simpatizante” (acho que é assim que você denomina toscos recém-deflorados como eu) de carteirinha perante o vosso universo.

Eu tive a sorte de encontrar um fantástico professor que soube expor a Revelação do jeito certo, conduzindo-me ao prazer rematado da maneira mais bonita que pode haver no embate entre dois machos.

Palavras opostas que direcionam a Verdade.

Oh, por favor, medite sobre o meu relato.

Ah, Rodamundo, roda-o-mundo!

Quer dizer que o senhor curtiu sua melhor trepada no interior de um Volvo, não é mesmo? Aposto que você jamais se esquecerá da boa fodaria e o lindo “fazer amor” que gozamos no interior do meu Jacaré.

Assinado: seu renascido João Gaiola... dos loucos!





PROJETO GRÁFICO & EDITORAÇÃO: **Moa Sipriano**

IMAGEM DA CAPA & TIPOGRAFIA: **pixabay.com** · **dafont.com**

SITE OFICIAL & CONTATO: **moasipriano.com** · **escritor@moasipriano.com**